



**OS PASSOS QUE DESENHAM EDUCAÇÃO:
UMA INTERVENÇÃO COM A DANÇA NO PROJETO NOVA DESCOBERTA**

Thays Anyelle Macêdo da Silva
Rosie Marie Nascimento de Medeiros

RESUMO

Esta pesquisa desenvolveu-se a partir da reflexão com o ensino da dança em um projeto social denominado Projeto Nova Descoberta (PND). A pretensão com este estudo é afirmar através da descrição de toda a vivência e seus resultados alcançados que dança é educação, partindo por investigar o significado da dança para os participantes do projeto, considerando a fase inicial e final da vivência. Houve a busca pela atitude fenomenológica de Merleau-Ponty que consente a experiência vivida como fonte de conhecimento. A pesquisa abre diálogos possíveis da dança com a Educação, com a área da Educação Física e no contexto educativo de projetos sociais, recheando a possibilidade de pensarmos a dança tanto como desenvolvimento individual, como também social.

Palavras-chave: Dança. Educação. projeto social.

ABSTRACT

This research developed from reflection with the teaching of dance in a social project called Projeto Nova Descoberta (PND). The intention with this study is to say by describing the whole experience and your achievements that dance is education, starting by investigating the meaning of dance to the project participants, considering the initial and final experience. There was the search for phenomenological attitude of Merleau-Ponty that consents the experience as a source of knowledge. The research opens up possible dialogues between dance and education, with the area of Physical Education and the educational context of social projects, filling up the possibility of thinking about dance both as an individual development also social.

Key Words: Dance. Education. social project.

RESUMEN

Esta investigación desarrollado a partir de conversaciones con la enseñanza de la danza en un proyecto social llamado Projeto Nova Descoberta (PND). La intención con este estudio es decir, mediante la descripción de toda la experiencia y sus logros que la danza es la educación, empezando por investigar el significado de la danza a los participantes en el proyecto, teniendo en cuenta la experiencia inicial y final. No fue la búsqueda de la actitud fenomenológica de Merleau-Ponty, que permite la experiencia



como fuente de conocimiento. La investigación abre diálogos posibles entre la danza y la educación, con el área de Educación Física y el contexto educativo de los proyectos sociales, llenando la posibilidad de pensar la danza, tanto sociales como individuales, sino también.

Palabras clave: Danza. Educación. proyectos sociales

I- Introdução:

Esta pesquisa apresenta como objetivos descrever e refletir sobre o ensino da dança para crianças e adolescentes de um projeto de extensão da Universidade Federal do Rio Grande do Norte: Projeto Nova Descoberta (PND), evidenciando que dança é educação (PORPINO, 2006).

Refletir sobre a dança como espaço de criatividade, de expressão, de liberdade, de diálogo consigo mesmo, com os outros e com suas realidades é uma verdade que ganha forma nesta pesquisa.

O Projeto Nova Descoberta teve seu início em Natal no ano de 2003, de um incentivo do Departamento de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, orientado pela solução pedagógica proposta para o desenvolvimento humano, tendo como um dos principais objetivos desenvolver o esporte na dimensão humana e como estratégia na mobilização e formação social dos jovens, incentivando o acesso a um Programa de Educação pelo Esporte (PEE). O ensino da dança inseriu-se neste contexto como oportunidade de uma vivência diferenciada.

A pesquisa foi realizada com crianças e adolescentes de contexto social de risco da grande Natal. Diante dessa oportunidade, a pretensão foi apontar a dança como educação, pois para além de passos, ela constrói uma realidade social, cultural e política, enfim, carrega consigo identidades de povos específicos, e pode ser compreendida como uma linguagem voltada à transformação do homem em benefício da educação. Não falamos de qualquer conceito de Educação, que se limita a comandos ou aquisição de conhecimentos prontos, mas que abre a possibilidade da interpretação, da criação de sentidos personalizados (PORPINO, 2006).

Em concordância com Medeiros (2008), acreditamos que a educação acontece em vários espaços e não só nos espaços formais como a sala de aula, a escola, as universidades, mas também no espaço da arte e da cultura. Assim, por que não levar o espaço da arte e da cultura para estas instituições educacionais? Reconhecemos que é uma tarefa da educação a inserção do indivíduo no mundo da cultura e da arte e acreditamos que isso ocorreu no desenvolvimento deste estudo.

A dança como educação torna-se possível porque o indivíduo reage ao mundo através de seu corpo, e especificamente através do movimento corporal, onde é este que possibilita às pessoas se comunicarem, trabalharem, aprenderem, sentirem o mundo e serem sentidos (STRAZZACAPPA, 2001).

Os PCN's de Educação Física expõe o fato que num país onde o samba, o axé, maracatu, o frevo, o baião, o xote, o xaxado, entre outras muitas manifestações pulsam aceleradamente, a Educação Física por muito tempo desconsiderar essas práticas culturais como objetivo de ensino e aprendizagem. Mas, graças às produções científicas na área de cultura e movimento isto vem sendo transformado (BRASIL, 1998).

Segundo Porpino (2006), observamos historicamente que a dança vem desenhada como manifestações do corpóreo, do sensível, do estético, tais dimensões negligenciadas no pensamento



educacional do ocidente que prioriza o racional em detrimento do sensível. Mas, em meio a essas controvérsias, a dança vem resistindo e tomando cada vez mais seu espaço na Educação, na Educação Física, em instituições educacionais, assim como, no contexto educativo de projetos sociais como especifica essa pesquisa, e, claro, abrindo diálogo com a escola como possibilidade concreta de educar.

Essas reflexões são capazes de conduzir ao espanto como condição de reaprender a ver o mundo, reconvocar a sensibilidade, o poder de agir e de criar (NÓBREGA, 2010)

II- Bastidores da pesquisa: Cenário, palco, bailarino

Com a pretensão de encontrar um percurso metodológico que viabilizasse o encontro com os objetivos da pesquisa apontamos para a atitude fenomenológica de Merleau-Ponty. Em seus estudos o filósofo define um olhar expressivo sobre o corpo, configurando uma linguagem sensível que é expressa nos movimentos, onde aprofunda as teses da Fenomenologia num novo arranjo para o conhecimento enquanto resultado de nossa experiência no mundo vivido (Nóbrega, 1999).

A Fenomenologia, neste sentido, busca como finalidade compreender o sentido do mundo, ou seja, suas essências. Onde estas essências, encontram-se na existência. Como afirma Medeiros (2008) baseada nas reflexões de Merleau-Ponty: “nessa relação com o mundo o corpo vai aprendendo os vários sentidos da existência” (MEDEIROS, 2008, p.12).

Nóbrega (1999) define a fenomenologia como sendo:

a atitude de envolvimento com o mundo da experiência vivida, com o intuito de compreendê-la. Esta compreensão não é uma representação mental do mundo, mas, sim, envolvimento que permite a reflexão, a interpretação e a vivência (NÓBREGA, 1999, p.35).

Em relação à noção de mundo, Merleau-Ponty afirma que o mundo é aquilo que vivo e não aquilo que penso. Estamos vulneráveis a este mundo, comunicamo-nos com ele, mas não podemos possuí-lo, pois este é inesgotável. A atitude fenomenológica ultrapassa o racionalismo ao lançar-se no mundo e buscar sempre novos olhares e novos sentidos para a existência, unindo sujeito e o objeto em sua compreensão de mundo e de corpo (MEDEIROS, 2008).

Caminhamos na pesquisa neste cenário fenomenológico que coloca o conhecimento como resultado de nossa experiência no mundo-vivido. Neste sentido, partimos do meu mundo-vivido no Projeto Nova Descoberta onde a vivência foi como educadora de dança e posteriormente fundindo esta experiência à pesquisa da dança como uma ação educacional. Os palcos para atuação da dança no projeto foram o Ginásio do Campus da UFRN, contemplando as crianças do bairro de Nova Descoberta, e a Escola Municipal Professora Ivonete Maciel, localizada no bairro de Cidade da Esperança, todos na cidade do Natal-RN. Foram duas horas de aula por semana para cada núcleo durante oito meses.

No palco da Cidade da Esperança passaram pelas aulas 45 (quarenta e cinco) alunos, que compõem os bailarinos desta pesquisa, sendo divididos em duas turmas heterogêneas com 21(vinte e um) alunos com faixa etária de 7(sete) a 9 (nove) anos, outra com 24 (vinte e quatro) alunos com faixa etária de 10(dez) a 11(onze) anos. No Campus (UFRN) tivemos um alunado heterogêneo com 30(trinta) educandos, sendo divididos por faixa etária com uma turma de 10(dez) alunos de 7(sete) a 9(nove) anos, uma outra turma com 11(onze) pré-adolescentes de 11(onze) a 13(dez) anos e por fim uma de 9(nove) adolescentes de 14(catorze) a 17(dezessete) anos.



Foi feita uma pergunta “O que é dança?” no primeiro dia de aula, e a mesma pergunta foi feita no último dia de aula. Buscaremos as respostas pra problemática se dança é educação nas ressignificações sobre a dança e na descrição do processo.

III- O dito e o interdito da dança

Em qualquer apreciação artística no momento em que se abrem as cortinas encontramos, fora o palco, cenário e os artistas ali prontos, um começo de uma obra que carrega consigo misturas de sentimentos diversos, expectativas de um público e daqueles artistas. Mesmo na primeira cena as expectativas estão voltadas quase sempre para o desfecho que responda as perguntas nascidas no decorrer da obra. Nem sempre isso acontece. Às vezes o meio é mais interessante que o fim, ou mesmo, nada na obra é atrativo, claro que tudo isto é subjetivo. Mas isso são riscos que o novo, o que se mostra, traz. Tudo que é novo é desconfiável e está ali para ser avaliado e, assim, aceito ou rejeitado.

Morin (2001) diz que o inesperado surpreende-nos pelo fato de nos apoiarmos em teorias e idéias já conhecidas e firmadas que nos impedem de acolher o novo. O autor continua defendendo que para vislumbrarmos mudanças do nosso modo de ser e agir, precisamos encarar alguns desafios recheados de casos e acasos, ordem e desordem, organização e desorganização, situações essas que não nos é possível determinar quando, onde e com qual intensidade poderão aparecer para resolvermos. Nesta alusão começo minha descrição de quase um ano de pesquisa no meu mundo-vivido, o Projeto Nova Descoberta como educadora de dança, para assim buscarmos novos olhares e sentidos para esta vivência.

Abrindo as cortinas daqueles primeiros dias de aula, tanto no palco do Campus da UFRN, como na Escola Municipal Ivonete Maciel, a primeira cena que se vê é uma educadora sentada em roda com os alunos. Alguns com expressões de surpresa por causa da proposta de se inserir a dança em meio a suas práticas, outros com raiva por ter que dividir o esporte com a dança, outros com expressões de curiosidade querendo saber como se evidenciaria aquelas aulas.

O que é dança? Esta foi a pergunta feita naqueles primeiros dias da aula. A intenção era com aquelas respostas buscarmos leituras de significados do dançar para aqueles alunos. As respostas foram na forma escrita, com exceção de uma turma do núcleo da Cidade da Esperança, devido os alunos serem novos e sem muita praticidade com a escrita. Assim, foram trabalhadas as respostas oralmente e registradas. Numa resistência aparente à dança pela maioria, as respostas nos deram fontes pra análise sobre os significados trazidos por eles do seu mundo-vivido para aquela sala de aula. Podemos citar dentre as respostas: “danço pra conquistar as doidinhas”, “dançar é coisa de boiola”, “danço nos pancadões para zuar e sair batendo”, “não danço”, “danço para me divertir”, muitos “não sei” e etc. Diante dessas respostas foi possível fazer uma leitura da realidade desses alunos, e através desses significados do dançar nasceu ali a necessidade de um trabalho de ressignificação dessa prática.

Mesmo com variadas definições, torna-se uma tarefa árdua tentar entender a dança; ela escorrega, evita a conceituação e possui um caráter não-verbal, inscreve-se como uma alternativa entre a autodisciplina e o transe, entre o jogar e o trabalhar. Sua lógica é a do acontecimento, ela só acontece no instante, só existe na execução. Assim como afirma Feitosa, “trata-se de uma série de agoras escapantes e repetíveis” (FEITOSA, 2001, p. 34).

A dança – ou, como pontuou Laban (1978), este “poema do esforço” – é uma forma de manifestação artística e lúdica que guarda uma ligação extremamente íntima com o corpo. É uma forma



de expressão em que o corpo do artista, numa mistura estranha de espontaneidade e de elaboração, se tornaria uma obra de arte (FEITOSA, 2001). Merleau-Ponty (2004) aborda um conceito para arte, onde o autor a denomina como única, singular, não só para quem aprecia, mas para o artista que a vivencia, assim, ela não seria uma imitação, mas uma forma de expressar inúmeros significados. A dança como obra de arte abre espaço para diversas leituras e significações e o fazer-se e refazer-se não só no seu corpo que dança, mas no corpo do outro que dança, sendo pelo contato corporal, ou mesmo pela apreciação. O corpo quando dança vem dotado de significados próprios que poderão ser captados e vividos pelo outro que aprecia (MEDEIROS, 2008).

Porpino (2006) acrescenta de forma poética que se a dança fosse um texto escrito, poderia ser uma poesia e se fosse um discurso, poderia ser uma declaração de amor à vida, mas como é gesto, a dança é o bailarino em seu movimento. Mesmo diante de muitos significados atribuídos, a dança será apenas no movimento do corpo entendida pelo homem. Tanto para aquele que dança como para o que aprecia, ela faz sentido e inventa novos sentidos. Esses significados entrecruzam e criam outros infinitos. A mesma autora acrescenta seu conceito dizendo que dançar constitui “essa arrebatadora forma de expressão que nos faz entrar em contato com nossa realidade humana imperfeita, inexplicável e tão maravilhosamente plástica” (Porpino, 2006, p. 28). Segundo Laban (1990) a dança é um dos meios através dos quais todos os povos expressam sua cultura, sua relação com a natureza e com os homens. Mas, quando saímos dos livros, dos discursos acadêmicos, das descrições daqueles que dedicaram tempo estudando o assunto e ganhamos as ruas, quais os significados impregnados na comunidade sobre a dança?

Utilizamos nesta pesquisa os termos dito e interdito. O dito seria o que está explícito nos discursos, ou seja, o discurso inicial dos alunos seria o dito, e o que é silenciado das formações discursivas, o que não é dito, seria o interdito (Assis et al. 2005). Este termo interdito utilizado neste trabalho representa significado que foi encoberto, silenciado, para que outros significados populares e superficiais sobre o dançar venham se estabelecer. Significados que vem carregados de conceitos e regras sobre gênero, raça, etnia, classe social, entre outros, que estão/são incorporados durante nosso processo de ensino-aprendizado sem que muitas vezes percebamos aquilo que estamos construindo ou até mesmo (re)produzindo (MARQUES, 1997).

Estes conceitos se difundem pela sociedade, como podemos observar de forma clara nos discursos dos alunos do PND que “dança é coisa de boiola”, “é de fresco”, dando a idéia que somente à mulher é permitido experienciá-la, ou se, por outro lado, for necessário aprender que seja “para conquistar as doidinhas” ou como violência para utilizar “nos pancadões para zuar e sair batendo”. Ao efetuar esta pergunta “O que é dança?” no primeiro dia de aula no projeto, cada resposta reflete o dito, onde foi identificado o conhecimento prévio no que venha ser o dançar, atribuindo significados que traz prejuízos às vezes irremediáveis para o indivíduo e para sociedade (IDEM, 1997).

Porpino (2006) diz que o corpo conta história no dançar, tanto pode contar a história do seu povo ou de outros povos, carrega consigo identidades. Isto seria interditos, ou seja, o que não é dito, mas silenciado (Assis et al. 2005), obscuro ao conhecimento popular, significados encobertos. Diante disso, vem à necessidade de ressignificação destes ditos sobre o dançar, levando aqueles alunos do PND descobrirem o interdito da dança que nasce de uma experiência crítica, vivenciada em seus corpos.

IV- Dançando a dança

Numa descrição do processo, antes da prática em si, seja ela esporte, dança, lutas ou outras, os educandos e o educador (assim que se denomina o aluno e o professor no projeto) sentam-se em formato de roda, pois nesta forma todos se



veem e oportuniza a troca de informações. Temos a roda inicial e a final, uma no início da aula e outra no final da prática, onde se configura como o momento onde o educando tem “voz e vez”, ou seja, a sua opinião e participação são valorizadas na construção e no prosseguimento das aulas, incentivando o desenvolvimento crítico. Também é na roda onde são sistematizados conteúdos, e vivenciado momentos de socialização. A Roda foi de suma importância nas nossas aulas de dança por sua característica reflexiva, vindo acrescer num processo de ressignificação da dança no PND. A reflexão de Marques (1997) é pertinente quando diz que:

Quebrando-se o tabu de que "conversar não é dançar", poderíamos introduzir em nossas salas de aula momentos de reflexão, pesquisa, comparação, desconstrução das danças que apreciamos (ou não) e, assim, poderemos agir crítica e corporalmente em função da compreensão, desconstrução e transformação de nossa sociedade. (MARQUES, 1997 p.24)

Atividades lúdicas que ajudassem a criar, manipular objetos e experienciar com seu próprio corpo e o corpo do outro foram bem vindas à prática e bem aceitas. Os ritmos culturais brasileiros foram explorados com suas sistematizações e indo à frente de padronizações de gestos, mas priorizando novas formas de dançá-los, ampliando assim o repertório de movimento dos alunos e criando estilos próprios de se movimentar. Onde depois da sistematização e aprendizado de alguns passos característicos, eles se reuniam em grupo e tinham que criar em cima do que aprenderam, e apresentar para turma sua produção.

Trabalhando bastante a improvisação e a criatividade, brincávamos nas aulas com os ritmos, onde depois do aprendizado, por exemplo, de dois ritmos distintos, pedia pra eles se unirem (sempre incentivando o trabalho em grupo) e criarem um ritmo novo com os passos dos dois aprendidos nas aulas passadas, dessem nome para o ritmo e apresentassem para turma. Posso citar o relato do dia posterior às aulas do samba e do frevo, onde eles ao misturar os ritmos, saiu o “samfrevô”, “frevosambando”, “frevando”, “samba-frevô” e etc, onde as aulas foram palco de grandes criações e ludicidade. E assim também trabalhamos com os outros ritmos.

Posso citar um exemplo de uma aula onde foi preciso mudar os planos (no decorrer foram muitas), estávamos no aprendizado do samba e os alunos estavam muito agitados e uns disseram que não queriam aquela aula, mas queriam jogar futebol. Peguei algumas bolas e entreguei a eles e disse: - se vocês querem tanto jogar, então me mostrem o que vocês sabem fazer com essa bola. Eles começaram a fazer embaixadinhas, chutes e outras movimentações, depois coloquei um samba e comecei articular aquela aula. Foi impressionante a improvisação deles com a bola, o corpo se movendo no ritmo do samba, alguns passos característicos foram passados e eles efetuaram muito além da proposta. Na roda eles testemunharam o quanto aquela aula tinha sido importante para eles. O fruto desta aula foi uma coreografia com a música “Partida de Futebol” do grupo Skank. Ver como consegui naquela aula chegar ao meu objetivo, tendo que improvisar como educadora foi uma experiência ímpar.

Buscar uma prática pedagógica através da dança mais coerente consiste em possibilitar ao indivíduo expressar-se criativamente, sem exclusões, tornando esta linguagem corporal transformadora e não reprodutora. (GARIBA, 2005).

Sobre a questão do gênero e com a intenção de trabalhar a ressignificação de que dança não é só para mulher, trabalhamos em roda refletindo na história da dança o papel do homem e suas danças em



rituais sagrados. Reportando algumas culturas como a grega, por exemplo, onde a dança fazia parte não só de cerimônias religiosas, o culto a saúde e festas, mas do treinamento militar de guerreiros. Eles dançavam para alegrarem os deuses e eles lhes darem vitória nas guerras, uma boa colheita, na morte e etc. (Magalhães, 2005). Este esclarecimento fazia-se em roda e podíamos observar a reação de surpresa nos rostos dos alunos, do sexo masculino principalmente, por descobrirem que o homem estava tão presente e de suma importância no contexto histórico da dança. Também trabalhamos com vídeos para reflexão do tema como *Billy Eliot*, *Dirty Dancing 2*, *Vem Dançar*.

Temas transversais foram apontados, vivenciados e refletidos nas aulas, estes temas envolvem questões sociais relativas à: Ética, Saúde, Orientação Sexual, Meio Ambiente, Pluralidade Cultural (Brasil, 1998). Tudo isto discutido e refletido em roda e vivenciado no corpo do aluno através das atividades em dança. O que se quer ressaltar é a importância de construir formas operacionais de praticar e refletir sobre esses temas e valores, a partir da certeza de que apenas a prática das atividades e o discurso verbal do professor são insuficientes na sua transmissão e incorporação pelo estudante (IDEM, 1998).

V- O fim é apenas o começo

Abrem-se as cortinas para a última cena, o fim. E o que sempre se espera de um fim? Que ele responda as várias perguntas que surgem no decorrer da obra e que alcance as expectativas de um público e de toda uma equipe de artistas. Nem sempre isso é fato, mas é fato que houve ali uma interação da obra com seu público e estes não sairão do mesmo jeito que entrou, pois as portas da interpretação, da criação de sentidos foram abertas e algumas coisas, por míseras que sejam levarão com eles. Segundo Oliveira (1999, p.8) “a arte é a eternidade conquistada por uma sensibilidade através do eco provocado noutras sensibilidades pelo seu espelho de infinitas dimensões”. Outras pessoas dominam os códigos possíveis da arte como a música, a pintura, a escultura, o teatro, a dança, a literatura e etc. e conseguem conceber, criar a obra de arte. Outras, apesar de não serem criadoras, interagem com ela por meio de sua apreciação, descobrindo-lhe novas dimensões e sentidos. O artista conta com a cumplicidade do apreciador da arte (OLIVEIRA, 1999).

A cena final de todo esse andamento vem responder à problemática construída durante toda obra exposta aqui: se construiu educação com essa pesquisa com a dança?

Analisando os significados atribuídos a dança do primeiro dia de aula, identificamos que para alguns a dança era somente para mulher- “dança é coisa de boiola”- para outros a dança atua como um elemento de sedução- “danço pra conquistar as doidinhas”- ou elemento de agressividade –“danço nos pancadões para zoar e sair batendo”-, ou mesmo, “bom para saúde”, simplesmente “legal”, movimento pelo movimento, ou ela era somente aquele ritmo específico vivenciado em sua comunidade, como citado o funk e o forró, ou também, não sabem ou não quiseram expressar o que significava.

Num aspecto geral os significados pautados naquelas respostas anteriores possibilitaram uma leitura da realidade daqueles alunos, onde observamos de imediato o preconceito à prática, falácias populares do que viria ser o dançar e nos deu subsídios para a elaboração dos conteúdos das aulas e a tentativa de construção de novos conceitos e significados.

Comparando estes ditos com as respostas e desenhos da fase final a afirmação que dança é educação foi provado nesta pesquisa. Eis alguns exemplos: “Dançar é legal porque você se expressa, porque é muito bom, porque tem ritmos diferentes na dança, porque espanta os males, porque



tem cultura na dança” (Educanda 12 anos), “Porque tem ritmo cultural que todos devem aprender e devem ensinar aos outros sem ter preconceito com a dança, porque a dança é pra todos, pra homem e mulher, pra todos que querem aprender e ensinar” (Educando 10 anos). “Eu gosto de dançar porque me expresso e faço e aprendo coisas novas, passos novos e me solto mais” (Educando 10 anos). “A dança espanta os males, a pessoa se expressa na dança, ela é muito importante para mim, é importante para os artistas, a dança está em todos os lugares e é muito bom” (Educando 11 anos). “Dançar é bom, a gente aprende a cultura, a dançar coisas diferentes, expressar tudo, dançar é importante” (Educando 12 anos), “é importante para todos nós, é pra todo mundo, é cultura e o frevo é muito legal” (Educando 11 anos), “ela mim fez eu ficar mais feliz e muito importante pra nossa vida” (Educanda 9 anos), “é expressar o que tem dentro e falar com o corpo coisas que as palavras não falam, é cultura também e é uma arte” (Educando 16 anos).

Posso descrever neste instante uma cena daquele último dia que ficou marcado na minha memória com impossibilidade de me reduzir, pois lembrar esta última cena sempre me emociona. Naquele último contato um aluno que no primeiro dia de aula disse que não gostou de mim e nem gostava de dançar, vale ressaltar que era um dos bem inquietos e agressivos, ao entregar a sua entrevista feita naquele último dia ele me pediu que eu só lesse quando ele saísse da sala. Consenti e só abri quando ele saiu. E o que tinha escrito era o seguinte: “Eu gosto muito de dançar e não quero que a dança saia daqui, porque tem alguém que tenta dar alguma coisa importante pra gente” (Educando 12 anos).

Também observamos nos desenhos a presença do som, a presença da música, e o espaço, em alguns, simbolizado nos desenhos com muitas cores e expressão de alegria. Na questão do gênero vemos muitos desenhos com a união do homem e da mulher na dança, descaracterizando a dança como atividade somente para o sexo feminino, mas também podemos refletir nestes desenhos a presença do coletivo, já que a dança revela o encontro com o outro. Nesta comparação com os dados colhidos na entrevista final e numa análise geral, percebemos a ressignificação através das respostas e desenhos. Para nosso contento a maioria das respostas continham a palavra cultura, isto é pertinente porque o homem é um ser construído culturalmente e a dança dialoga com a realidade do educando, num senso crítico.

Nesse sentido acreditamos ser essa uma das tarefas da educação, a sensibilidade e o conhecimento sobre cultura. Como diz os PCNs (1998) que o ser humano desde sua origem produziu cultura e sua história é uma história de cultura na medida em que tudo o que faz é parte de um contexto em que se produz e reproduz conhecimento. Observou-se, assim, nas respostas (mas também no decorrer do processo) uma reconciliação do educando com a dança e com os outros seres dançantes (afetividade), evidenciando a dança como educação.

Nesse sentido, a educação evidenciou-se nesta pesquisa nas ressignificações sobre o dançar, reconciliação do educando com seu corpo através de uma consciência como ser corporal, na descoberta do outro e nas possibilidades desse contato que sempre proporcionará novos sentidos e novas formas de ver o mundo, como afirma a fenomenologia de Merleau-Ponty. Assim, também evidenciamos a educação na inserção dos educandos na cultura e na experiência estética com a arte, permitindo abrir-se para várias significações e experiências no corpo. Mediante a esta experiência podemos refletir mais sobre o papel da dança em instituições educacionais como projetos sociais que precisam ser mais discutidos e vivenciados pelos profissionais da Educação Física, mas, também, abre-se com esta pesquisa uma reflexão sobre a dança como fenômeno artístico, expressivo, comunicativo, humano, ou seja, com características educativas.



REFERÊNCIAS

- ASSIS, M. CORREIA, A. TEVEES, N. *O Dito e o Intedito- Análises das formações discursivas produzida pela mídia impressa pelo papel atribuído a dança em projetos sócias no Rio de Janeiro*. Rev. Bras. Cienc. Esporte, Campinas, v. 26, n. 2, p. 101-115, jan. 2005.
- BARRETO, D. *Dança...: ensino, sentidos e possibilidades na escola- 3ª edição-* Campinas, SP, Autores Associados, 2008.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais*. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- FEITOSA, C. *Por que a filosofia esqueceu a dança?* In: FEITOSA, Charles; CASANOVA, Marco Antonio; BARRENECHEA, Miguel Angel de; DIAS, Rosa (Orgs.). Rio de Janeiro: Sette Letras, 2001. p. 31-36.
- GARIBA, C. M. S. *Dança escolar: uma linguagem possível na Educação Física*. Revista Digital - Buenos Aires - Año 10 - N° 85 - Junio de 2005.
- LABAN, R. *Domínio do movimento*. São Paulo: Summus, 1978.
- *Dança educativa moderna*. Trad. Maria da Conceição P. de Campos. São Paulo, Ícone, 1990.
- MAGALHÃES, Marta Claus. *A Dança e sua característica sagrada. "Existência e Arte"*- Revista Eletrônica do Grupo PET - Ciências Humanas, Estética e Artes da Universidade Federal de São João Del-Rei - Ano I - Número I - janeiro a dezembro de 2005. Disponível em: <http://www.miniweb.com.br/Artes/artigos/danca.pdf> Acesso em: 22 de junho de 2009.
- MARQUES, Isabel. *Dançando na escola*. Motriz, volume 3, número 1, junho- 1997.
- MEDEIROS, Rosie Marie Nascimento. *Uma educação tecida no corpo*. Tese de doutorado em Educação, UFRN, Natal- RN, 2008.
- MENDES, M. *A dança*. 2ª edição. São Paulo: Ática, 1987.
- MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo, Martins Fontes, 1999.
- MORIN, E. *Os sete saberes necessários a educação do futuro*. 4ª edição. São Paulo: Cortez; Brasília: Unesco. 2001.
- NÓBREGA, T. P. *Uma fenomenologia do corpo*. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2010.



NÓBREGA, T.P. *Para uma teoria da corporeidade: um diálogo com Meleau-Ponty e o pensamento complexo*. Tese (doutorado em Educação), Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba-SP, 1999.

PORPINO, Karenine de Oliveira. *Dança é educação: interfaces entre corporeidade e estética*. Natal-RN: EDUFRN- Editora da UFRN, 2006.

STRAZZACAPPA, M. *A Educação e a Fábrica de corpos: A Dança na Escola*. Cadernos Cedes, ano XXI, no 53, abril/2001.

OLIVEIRA, C. Bellezi de. *Arte Literária- Portugal/Brasil*. Editora Moderna. São Paulo, 1999.

OSSONA, P. *A educação pela dança*. São Paulo, Summus editorial, 1988

Acesso às autoras:

Rua Juçara 146, conj Santarém, Bairro Potengi, Natal-RN.

cep: 59120-130

E-mail: thays_anyelle@yahoo.com.br

E-mail: marie.medeiros@gmail.com

Ferramenta necessária para a comunicação oral: Projetor multimídia.

Profa. Thays Anyelle Macêdo da Silva

Licenciada em Educação Física, Mestranda do Programa de Pós- Graduação em Educação Física-UFRN, Professora da Rede Municipal de Ensino – Natal-RN

Profa. Orientadora Dra. Rosie Marie Nascimento de Medeiros

Professora do Departamento de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.